

Bastonário dos Engenheiros critica Governo pelo terminal na Trafaria

Carlos Matias Ramos exige estudos comparativos sobre as alternativas, sem quaisquer restrições.

Nuno Miguel Silva
nuno.silva@economico.pt

O bastonário da Ordem dos Engenheiros (OE), Carlos Matias Ramos, discorda da forma como o Governo avançou para o projecto de investimento previsto para o terminal de contentores da Trafaria e tem muitas dúvidas de que aquela seja a melhor localização, a melhor forma de proporcionar valor acrescentado à economia da capital e que a infra-estrutura pretendida não venha gerar impactos negativos nos portos de Setúbal e de Sines.

“Sobre o projecto do Governo para o terminal de contentores da Trafaria, penso que o mais importante são as dúvidas que ressaltam. A questão principal é saber o que é que se pretende para o porto de Lisboa. É preciso saber se o ‘transshipment’ [tráfego intercontinental de contentores] é o mais adequado para o desenvolvimento do porto, da cidade de Lisboa e da economia nacional”, defende Carlos Matias Ramos, ao Diário Económico.

O bastonário da OE junta-se, assim, às várias críticas públicas ao projecto do Executivo, que têm subido de tom nas últimas semanas. “Deve ser a cidade a condicionar o porto e não o porto a condicionar a cidade, como tem acontecido no passado. Essa é que deve ser a lógica. Devemos tentar perceber qual é a vocação do porto de Lisboa, não só para Lisboa, mas também para a margem Sul, e penso que, nesse aspecto, o terminal de cruzeiros possa trazer mais valor acrescentado que um terminal de ‘transshipment’”, acrescenta Carlos Matias Ramos.

O mesmo responsável prossegue nas duras críticas e verbaliza sérias dúvidas sobre o projecto. “Acreditemos que o terminal de ‘transshipment’ é a melhor solução para o porto de Lisboa. Coloca-se outra ques-

tão: a melhor posição para um terminal deste tipo será a Trafaria ou a Cova do Vapor?”, questiona.

Carlos Matias Ramos relembra que até ao início da década de 40 do século passado existia um cordão dunar ininterrupto entre a Costa da Caparica e o Bugio (Golada), que limitava os efeitos nefastos das correntes marítimas Sul/Norte e poderia ter impedido o desassoreamento das praias da região. E calcula que a solução de depositar areia junto às praias da Caparica, a que se opôs desde o início, já custou aos cofres públicos cerca de 36 milhões de euros, sem qualquer resultado prático.

“É necessário arranjar soluções que desviem a velocidade das correntes Sul/Norte na Costa da Caparica, que têm grandes implicações no período de enchentes. Quando o projecto do terminal de contentores da Trafaria foi anunciado pelo Governo, foi imposto que se excluísse qualquer intervenção no Bugio e no fecho da Golada”, defende o bastonário.

Para Carlos Matias Ramos, “para um projecto deste tipo, deve ter-se uma visão fisiográfica de toda a zona. Não se devem impor à partida restrições a visões integradas e dizer que não se pode fazer o fecho da Golada. Estude-se, analise-se e veja-se quais são os efeitos”.

O bastonário da OE coloca ainda outras dúvidas sobre este projecto, ao nível da solução dos acessos ferroviários e do sobre-custo pelo facto de 80% das mercadorias chegadas ao porto de Lisboa se situarem na margem Norte, quando o terminal da Trafaria vai levar os contentores mais para Sul, não se sabendo de que forma poderão regressar à capital.

“O Governo diz que o terminal será um investimento totalmente privado, mas isso custa-me a crer. Quem faz investimentos deste tipo, tem de estar agarrado a operadores ou então já há um operador que garante esse investimento. Se o valor, entre cerca de 600 e 800 milhões de euros, já foi anunciado com tanta minúcia, parece que já está consolidado um operador e parece que já existe uma avaliação que permite sustentar esse valor”, conclui Carlos Matias Ramos. ■



A contestação ao terminal de contentores de águas profundas, proposto pelo Governo para a Trafaria, está a subir de tom.

Paulo Figueiredo

TRÊS PERGUNTAS A...



CARLOS MATIAS RAMOS

Bastonário da Ordem dos Engenheiros

“Parece que a decisão já está tomada”

Carlos Matias Ramos explica as dúvidas e críticas da Ordem dos Engenheiros ao projecto.

Foi surpreendido pelo anúncio do Governo sobre o projecto do terminal

de contentores na Trafaria?

O anúncio do investimento neste projecto surpreendeu-me. Na Ordem, não tivemos qualquer indício de que isto iria acontecer. Tendo em conta a informação disponível, não se entende a metodologia adoptada, porque parece que a decisão já está tomada antes de se ter feito uma avaliação técnica, económica, financeira, de empregabilidade, de ordenamento do território e de ambiente, por exemplo. **Mas foi anunciado que o LNEC [Laboratório Nacional de Engenharia Civil] está a elaborar um estudo...**

Está a ser feito um estudo prévio do projecto por parte do LNEC, mas só foi encomendado depois de ter sido anunciado o projecto pelo Governo, o que não é a forma correcta de proceder neste tipo de situações. Além disso, o estudo do LNEC não está

a analisar as vantagens ou inconvenientes deste projecto em comparação com outras obras e alternativas possíveis. Defendo que se estude tudo sem constricções absolutamente nenhuma.

É essa a grande preocupação da Ordem neste projecto?

A Ordem preocupa-se essencialmente é com o processo e de onde é que vem a ideia para este investimento. Penso que isto revela também uma certa falta de transparência, porque tudo indica que há de certeza do lado de lá informação que sustenta estas afirmações sobre o valor do investimento. O que a Ordem pede é que não enveredemos logo à partida por eventuais erros. A Ordem queixa-se, lamenta-se por se optar por este tipo de procedimento e há um conjunto de perguntas cujas respostas gostaríamos de ter. **N.M.S.**

INVESTIMENTO PRIVADO

Até 800 milhões

O investimento anunciado a 22 de Fevereiro pelo Governo no terminal da Trafaria deverá oscilar ente 600 e 800 milhões de euros, 100% privado.